

“Estas memórias que os retratos nos dão” – análise de um programa de inclusão digital aplicado em contexto de lar de terceira idade¹

Magda Sofia Roberto²

António Fidalgo³

David Buckingham⁴

Resumo: O envelhecimento populacional combinado com a inovação tecnológica reforça a infoexclusão entre a população idosa, enfatizando a necessidade de promover a inclusão digital como estratégia de envelhecimento ativo.

Em contexto informal, desenvolveu-se um programa de inclusão digital, ancorado na fotografia enquanto prática pedagógica, dirigido a idosos residentes em lar de terceira idade. Este trabalho tem como objetivo explorar a percepção do idoso sobre a inovação tecnológica, assim como a dimensão social do lembrar.

Através de uma metodologia de investigação-ação, 77 idosos com idades entre os 50 e os 100 anos participaram ao longo de 5 meses em diversas atividades. Os dados foram recolhidos através de fotografias, notas de campo, registos audio e observações. Os resultados ilustram a contribuição desta prática pedagógica na valorização da aprendizagem, da socialização entre o grupo e do sentido de identidade entre os idosos.

Palavras-chave: Aprendizagem Informal, Envelhecimento, Inclusão Digital

Introdução

O mundo está a envelhecer. Se atentarmos a sua evolução demográfica, verificamos que em 1950 existiam cerca de 205 milhões de pessoas no mundo com pelo menos 60 anos (8%)⁵, um número que cresceu para 737 milhões em 2009 (11%) e que será expectável atingir os 2 biliões em 2050 (22%) (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2012). Esta tendência global reflete-se, também, em território nacional onde ocorre um forte desequilíbrio na estrutura da pirâmide etária, com o seu alargamento no topo, coincidente com o crescimento da população idosa (19%) e redução na base, evidenciando um decréscimo da população jovem (15%) (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2012). Neste momento, o rejuvenescimento da população ativa em Portugal encontra-se, já, comprometido uma vez que por cada 100 pessoas que deixa

¹ Agradecimentos: Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de pós-doutoramento “Aprendizagem, Identidade e o Digital” financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BPD/78903/2011). Os autores agradecem a colaboração da Santa Casa da Misericórdia de Vendas Novas assim como a participação de todos os idosos que tornaram esta aprendizagem possível.

² LabCom - Laboratório de Comunicação e Conteúdos On-line – Universidade da Beira Interior

³ LabCom - Laboratório de Comunicação e Conteúdos On-line – Universidade da Beira Interior

⁴ School of Social Sciences, Loughborough University

⁵ Percentagem face ao total populacional.

o mercado de trabalho apenas 94 indivíduos voltam a entrar (INE, 2012). Esta tendência demográfica continuará a ser um marco da sociedade atual devido ao declínio acentuado das taxas de mortalidade e de fertilidade que colocam em causa a renovação de gerações (INE, 2012).

A par do crescente envelhecimento populacional, os nossos dias ficam também marcados pelo contínuo desenvolvimento tecnológico que tem reestruturado formas de ser, saber e viver. As tecnologias de informação e comunicação (TIC) são, hoje em dia, indispensáveis nas rotinas diárias das pessoas, nos quatro cantos do mundo contribuindo para o aparecimento de conceitos como o de “e-competências” ou o de literacia digital:

“To participate and take advantage, citizens must be digitally literate - equipped with the skills to benefit from and participate in the Information Society. This includes both the ability to use new ICT tools and the media literacy skills to handle the flood of images, text and audiovisual content that constantly pour across the global networks.” (Europe's Information Society Thematic Portal, 2007, para.2)

A aposta europeia na literacia digital ficou bem patente com iniciativas que procuraram não só garantir um maior crescimento económico, com mais e melhores oportunidades de emprego, como também reduzir a infoexclusão entre grupos sociais vulneráveis, apostando na sua inclusão digital, garantindo melhor qualidade de vida e mais e melhor participação social (União Europeia [UE], 2006).

Um exemplo de ação política que conjuga o envelhecimento populacional com as TIC é a iniciativa i2010 promulgada pela UE ao enfatizar a necessidade de incluir a população idosa no desenvolvimento de e-competências. A valorização da inclusão digital dos idosos reconhece, assim, a existência de uma faixa da população para a qual as TIC não são ferramentas básicas nas suas experiências de vida. No tempo de hoje, os idosos são assumidamente “imigrantes digitais”, aprendendo novos saberes, desta feita tecnológicos. A acessibilidade às TIC por parte dos idosos assume-se como uma oportunidade de envelhecer bem, em comunidade, mantendo o seu envolvimento social (EU, 2006).

Contudo, os desafios que se colocam às políticas de inclusão digital têm de ser analisados tendo em consideração um contexto sócio-cultural onde os padrões vigentes são dominados por estereótipos que enfatizam os símbolos da juventude que podem comprometer o desenvolvimento individual da pessoa idosa (Ferreira-Alves e Novo, 2006). Na verdade, as iniciativas de aprendizagem europeístas, entre as quais as ações de inclusão digital, tendem a assumir uma perspetiva economicista ainda que foquem a aprendizagem ao longo da vida (Biesta, 2006), uma vez que “o apelo sistemático à formação e à aprendizagem tende a ser predominantemente orientado para a adaptabilidade, a empregabilidade e a produção de vantagens competitivas no mercado global” (Lima, 2003, p. 129). Assim, numa época em que a longevidade parece, cada vez mais, uma certeza é fundamental alargar as possibilidades de realização pessoal e de aquisição de conhecimentos entre a população idosa, sem que estes ganhos estejam centrados no alcance de vantagens económicas, mas sim na preservação da sua dignidade, individualidade e bem estar.

Partindo do princípio que a aprendizagem ocorre em diferentes fases ao longo do ciclo de vida, em espaços e contextos distintos, este artigo procura analisar em que medida um programa de inclusão digital dirigido a idosos institucionalizados consegue simultaneamente, a partir do recurso à fotografia, explorar as suas percepções sobre a evolução tecnológica e contribuir para o seu reforço identitário, utilizando para tal uma metodologia de investigação-ação.

Envelhecer à luz do idadismo

Envelhecer é um processo complexo, dinâmico e multidimensional que ocorre ao longo da nossa vida (Baltes e Baltes, 1990). Cada um de nós acaba por envelhecer ao longo de um ciclo de vida marcado por inúmeras possibilidades de desenvolvimento, sempre diferentes entre si, não só pelo património genético e cultural que possuímos, mas também pelas experiências pessoais que aglomeramos ao longo dos anos, que se tornam únicas, definindo quem somos e como agimos (Fonseca, 2005).

Todavia, esta diversidade de caminhos de desenvolvimento que caracterizam os ciclos de vida do ser humano, tende a ser filtrada socialmente quando percebida de forma padronizada e estereotípica, dando origem à construção de mitos sobre o envelhecimento. Atualmente, ao viver-se uma vida longa, aumenta-se também a probabilidade de se ser um alvo potencial de discriminação (Palmore, 2001). No *ageism*, que em português poderemos traduzir por idadismo, assiste-se à força do terceiro *ismo* (a seguir ao racismo e ao sexismo) que resulta no preconceito e discriminação social de uma pessoa, ou grupos, em função da sua idade (Palmore, 2001). A desvalorização da individualidade subjacente ao idadismo traduz-se ainda em práticas discriminatórias ancoradas em estereótipos que apelam a uma inferiorização da pessoa idosa, vista como pertencente a um grupo com menos capacidade, competência ou dignidade (Ferreira-Alves & Novo, 2006).

Se olharmos à nossa volta, percebemos que a idade avançada se encaixa com dificuldade numa sociedade que permanece refém dos ideais que cultivam a juventude, representando a fase em que “as doenças, as debilidades físicas, o desânimo e a dependência física são os principais sinais de que a velhice chegou, numa clara tendência em estereotipar o envelhecimento como período somente de perdas” (Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 3). Esta percepção negativa do processo de envelhecimento afeta duplamente quem envelhece pela probabilidade de ser discriminado, e pela forma como o idoso passa a perceber-se. Não será de estranhar, portanto, que o seu *self* – as crenças que o indivíduo tem sobre si próprio (Baumeister, 1999) – passe a incluir as imagens estereotipadas da velhice que a sociedade constrói e difunde diariamente de diferentes formas, desde a linguagem quotidiana até aos meios de comunicação social “perceptions of older people and the views older people have of themselves are *directly* affected by how older people are depicted in the news media, on television, in film and in advertising.” (Dahmen e Cozma, 2009, p. 13).

Apesar da individualidade dos ciclos de vida de cada pessoa, não se pode deixar de destacar que o processo de envelhecimento implica efetivamente alterações biológicas. Contudo, a forma como se passa a perceber o mundo não decorre de

perdas associadas à idade avançada, mas de mudanças graduais que foram surgindo desde a idade adulta – ainda que mais evidentes no período de idade maior (Stuart-Hamilton, 2000). Como exemplos temos a inteligência e a memória.

Na área da inteligência, estudos iniciais mostraram-se pouco encorajadores no que concerne ao impacto da idade, evidenciando um declínio a partir dos 30 anos quando se considerou a inteligência enquanto medida global (Stuart-Hamilton, 2000). Todavia, a evolução da pesquisa científica tem demonstrado que, não sendo a inteligência uma competência unitária, se reforça a dimensão cristalizada⁶ com a idade avançada, com algumas perdas ao nível da inteligência fluida⁷ (e.g. Schacter, 2003). No entanto, quando se pensa em envelhecimento a atenção parece focar-se na memória. Na sociedade existe um medo associado à perda de memória: a normalidade de esquecer algo, enquanto traço associado à idade avançada, transformou-se na ansiedade de perda de funcionalidade representativa de uma potencial patologia, provavelmente uma das mais temidas, a doença de Alzheimer (Shabahangi, Faustman, Thai e Fox, 2009). Ainda que as funções da memória declinem com o avançar da idade, as suas competências relacionadas com a inteligência cristalizada, que apelam ao conhecimento de factos e outras informações, tendem a preservar-se, sendo maior a dificuldade ao nível da memória de trabalho, por exemplo, que implica o processamento de nova informação (e.g. Stuart-Hamilton, 2000).

Apesar destas, e outras, alterações cognitivas é possível intervir no sentido de amenizar o seu impacto através de estratégias de promoção de saúde. Neste âmbito, surge o conceito de envelhecimento ativo através do qual se procura que a pessoa idosa realize todo o seu potencial físico, social e mental, envolvendo-se na comunidade “Active ageing is the process of optimizing opportunities for health, participation and security in order to enhance quality of life as people age.” (OMS, 2002, p. 12). A literatura tem demonstrado que existem várias variáveis com impacto positivo no processo de envelhecimento, com capacidade para promover o fortalecimento cognitivo dos idosos, nomeadamente um contexto social de apoio e envolvimento (e.g. Argimon e Stein, 2005). O desempenho de atividade física (e.g. Argimon e Stein, 2005) e a aprendizagem ao longo da vida (e.g. Duay e Bryan, 2008) são exemplo de estratégias que reforçam a neuroplasticidade.

A oportunidade da inclusão digital

Os avanços tecnológicos têm permitido à sociedade novas formas de utilização das TIC que fomentam a qualidade de vida da população. Por exemplo, o desenvolvimento da Internet pode ter um papel relevante na redução de um dos maiores problemas sociais associados ao envelhecimento, a solidão emocional e o isolamento (UE, 2012) e que em Portugal é particularmente incisivo nas regiões da Beira Interior Sul e do Alentejo (INE, 2010). Ao facilitar a comunicação, a Internet permite que se desenvolvam e satisfaçam necessidades sociais, contribuindo para um maior ativismo e bem estar (Shapira, Barak, e Gal, 2007). Para além das redes sociais,

⁶ A quantidade de conhecimento adquirido por uma pessoa no decorrer da sua vida.

⁷ A capacidade de resolver problemas novos num determinado período de tempo.

outras oportunidades de envolvimento passam por grupos de aconselhamento e terapia online (e.g. Barak, 2004), sítios de compras, email, jogos, blogues ou espaços de partilha de informação sobre saúde (e.g. Cline e Haynes, 2001).

Em Portugal, a utilização da Internet e o uso do computador cresceu cerca de 9 e 8%, respetivamente entre os anos de 2008 e 2012, o que corresponde a 61% de famílias com acesso atual à Internet e 66% com utilização de computador (INE, 2012). Contudo, ao atentar-se o acesso por escalões etários verifica-se o seu decréscimo com o avançar da idade, em particular no grupo de pessoas com mais de 65 anos – apenas 17% utilizam o computador e 16,4% a Internet (INE, 2012). Ora uma das particularidades positivas registada na literatura associada ao acesso à Internet entre a população de idade maior é a percepção de controlo que lhe subjaz, na medida em que os idosos passam a conseguir gerir através da Internet vários tipos de informações (e.g. emails, compras, reservas, downloads). Assim, este recurso não é apenas um meio de socialização, mas também uma forma para gerirem as suas vidas (Age Concern, 2010).

Outro dos objetivos do envelhecimento ativo é facilitar a possibilidade de envelhecer de forma independente, mantendo as pessoas ligadas aos seus espaços residenciais. Nesta área, as novas tecnologias têm, também, um papel determinante desenvolvendo tecnologias de apoio, ou construindo programas de telemedicina. Desde a utilização de alarmes sociais, passando por residências monitorizadas, até ao desenvolvimento de consultas médicas virtuais, as possibilidades são diversas e os impactos positivos (e.g. Pollack, 2005).

No entanto, e apesar dos múltiplos benefícios do envolvimento da pessoa idosa com as novas tecnologias, os riscos da infoexclusão permanecem elevados, não só pelas dificuldades de acesso por parte da população de idade maior, mas também pela maior probabilidade registada na literatura de desinvestimento a longo prazo face à sua utilização (Age Concern, 2010). Existem várias razões que levam os idosos a não utilizar as TIC, muitas vezes decorrentes de medos e ansiedades que resultam na chamada tecnofobia, ou na crença de que não possuem escolaridade suficiente para aprenderem novos conhecimentos (Age Concern, 2010); por outro lado, o custo associado às novas tecnologias é, ainda, um problema, nomeadamente entre pessoas com orçamentos mais limitados (Age Concern, 2010).

Com a preocupação global em construir medidas que promovam o envelhecimento ativo, entre as quais se inclui a inclusão digital enquanto exemplo de linha orientadora de intervenção social, diversos projetos no âmbito das TIC têm sido formulados e aplicados em vários contextos. O curso de ação político no espaço europeu, desencadeado pela assinatura da Declaração Interministerial em Riga promotora da e-inclusão (UE, 2006), veio dar suporte à aprovação de iniciativas locais, em território nacional, que apoiam o envolvimento dos idosos com as TIC. Ações de formação dirigidas à população com mais de 65 anos na área das TIC, decorrentes de programas municipais de inclusão do idoso são disso exemplo (e.g. programa Clique Sem Idade⁸, programa e-mili@⁹). Porém, tal qual já foi referido, são ações que

⁸ Projeto desenvolvido pela Câmara Municipal de Palmela desde 2009 junto da população com mais de 55 anos.

tradicionalmente se focam numa faixa da população que, apesar da sua idade avançada, continua a viver de forma independente e ativa. Em contraponto, as ações dirigidas a idosos institucionalizados que recorrem às novas tecnologias tendem a explorar o seu papel preventivo em determinadas patologias, nomeadamente ao nível da demência. Existem projetos que enfatizam, por exemplo, o impacto positivo que o recurso aos leitores de mp3, assim como outras aplicações concebidas para os *tablets* têm nas rotinas diárias dos idosos, auxiliando a sua memória (e.g. projeto Music & Memory¹⁰).

Mantendo o foco direcionado para os idosos institucionalizados, a literatura sugere uma maior insatisfação face à sua qualidade de vida, nomeadamente ao nível do apoio social quando comparados com idosos que vivem no seu contexto familiar (e.g. Sena, Moral e Pardo, 2008). De facto, a deslocação para uma instituição, estranha ao idoso, só por si tem o potencial para despoletar ansiedade e stress, dificultando a sua adaptação e constrangendo a sua percepção de bem estar (Sena, Moral e Pardo, 2008). Ao entrarem num espaço novo, onde nem sempre a sua vontade é tida em conta, o sentido de pertença do idoso fica ameaçado, assim como a sua identidade e individualidade, vendo-se forçado a enfrentar novas condições de vida (Ferreira-Alves e Novo, 2006). Hoje em dia, a ideia associada ao conceito de *lar de terceira idade* ainda permanece ancorada na crença de que os idosos institucionalizados são dependentes e passivos, elemento que vai contra a proposta do envelhecimento ativo (Ruppe, 2011). Assim, a transição da pessoa idosa para um ambiente institucional, ainda que implique sempre um deslocamento contextual de potencial apreensão, terá de ser enquadrada numa abordagem compreensiva que permita continuar a enriquecer a individualidade e a identidade do idoso, apostando na sua autonomia e continuando a reforçar a sua inclusão na comunidade (Ruppe, 2011), onde os benefícios do recurso à inclusão digital devem também ser explorados de forma sustentável e ativa, permitindo novas aprendizagens.

Aprendizagem e tecnologia em contexto informal

O nascimento do ser humano marca, também, o início dos processos de aprendizagem que se prolongam pela vida (Stuart-Hamilton, 2000) no decorrer do ciclo vital. Se bem que a tradição da produção científica reflita um maior detalhe dedicado ao estudo dos processos de aprendizagem das crianças e jovens, o envelhecimento populacional torna o campo da pesquisa educacional focada na intervenção junto da pessoa idosa um dos grandes desafios contemporâneos. Assim, ao longo deste enquadramento tem-se destacado a relevância de abrir novas avenidas educativas que promovam a inclusão da população idosa na sociedade, explorando-se como exemplo os benefícios apresentados pela tecnologia.

⁹ Projeto desenvolvido pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira dirigido à população do concelho com mais de 60 anos, com início desde 2009.

¹⁰ Projeto fundado por Dan Cohen em 2008 que visa a utilização de mp3 entre idosos com demência para reavivar as suas memórias.

Tal qual já foi referido, as mudanças cognitivas que ocorrem durante o envelhecimento permitem suportar o princípio de aprendizagem ao longo do ciclo vital pela preservação da inteligência cristalizada e pelo envolvimento da pessoa idosa em atividades que fomentam a estimulação cerebral (Merriam, 2001). Na perspetiva de Lima (2001) “(...) as pessoas têm grande responsabilidade pela sua velhice.” (p. 21), assumindo a aprendizagem ao longo da sua vida um papel fundamental. Mas este tipo de aprendizagem deverá reconhecer “(...) a relevância de espaços e tempos educativos que estão para além dos espaços e tempos escolares.” (Alves, 2010, p. 11) na medida em que muitas das aprendizagens assimiladas pelas pessoas ao longo das suas vidas advêm de experiências diversas, nem sempre intencionais e muitas vezes decorrentes de processos de socialização (López, 2009), pressupondo-se o seu cariz informal.

O conceito de aprendizagem informal tem subjacente diferentes significados conceptuais, com implicações na forma como pressupõe que ocorra a aprendizagem (Mejía, 2005). Se por um lado foca um tipo de aprendizagem que ocorre sem que exista um desenho formal do seu processo (Day, 1998); por outro, apela às aprendizagens que se dão em contextos extra-escolares (e.g. museus, programas educativos, vida quotidiana) (Melber e Abraham, 1999). Regra geral, conceitos como motivação, espontaneidade e independência tendem a estar subjacentes a este processo de aprendizagem, na medida em que se pressupõe que apesar do envolvimento da pessoa nas atividades propostas, não existe um processo direto de ensino, donde a acumulação de conhecimento acaba por dever-se à vontade pessoal do indivíduo e ao seu consequente interesse (Asensio e Pol, 2002).

As novas tecnologias assumem-se como meios ao serviço da aprendizagem, quer formal, quer informal despoletando novas aprendizagens “(...) que se apresentam como construções criativas, fluidas, mutáveis, que contribuem para que as pessoas e a sociedade possam vivenciar pensamentos, comportamentos e ações criativas e inovadoras (...) (Kenski, 2003, p. 9)”. Ao longo dos anos, a investigação nesta área tem-se intensificado. Por exemplo, num estudo desenvolvido por Banhato et al. (2007), que consistiu num programa de aprendizagem de 14 encontros subjacente à temática da inclusão digital, demonstrou que os idosos participantes conseguiram melhorar a sua velocidade de processamento de informação e capacidade de planeamento. Outros estudos demonstram, também, ganhos entre os idosos ao nível da memória e da linguagem (e.g. Neri, Yassuda e Cachioni, 2004), auto-estima e reforço da socialização (e.g. Chaffin e Harlow, 2005; Lawhon, Ennis e Lawhon, 1996).

Apesar do recurso às novas tecnologias se mostrar promissor enquanto oportunidade de aprendizagem no processo de envelhecimento ativo, a investigação continua a escassear nomeadamente no contexto português. Neste sentido, considera-se relevante avaliar o papel que programas de intervenção que recorrem a este tipo de meios podem ter no contexto da aprendizagem ao longo da vida, particularmente nos contextos em que as aprendizagens tendem a ser mais ricas pelos estímulos e possibilidades que implicam, isto é quando incluídas em atividades quotidianas, em contexto informal (López, 2009).

Sintetizando, este trabalho de investigação recorre a uma metodologia de investigação-ação centrada no recurso à fotografia enquanto visão pedagógica como forma inovadora de intervir no campo da inclusão digital da pessoa idosa, em

particular da pessoa idosa em contexto institucional explorando, no decorrer do processo de aprendizagem informal, as suas percepções, reflexões e conhecimentos sobre a evolução tecnológica à medida em que espera contribuir para o fortalecimento da sua dimensão identitária.

Detalhes metodológicos do programa de intervenção

Nesta secção serão apresentados os princípios teóricos que permitiram estruturar o programa de inclusão digital, assim como caracterizar o contexto de intervenção e os seus participantes.

Os Princípios da Investigação-Ação

A prática da investigação-ação, com tradição na pesquisa em educação (e.g. Kemmis e McTaggart, 1988) é uma estratégia largamente utilizada no campo das ciências sociais pelas suas especificidades que requerem um tipo de investigação sistemática, organizada e reflexiva assente no princípio da participação (Stringer, 1996). Com origens que se devem ao trabalho na área da Psicologia Social elaborado por Kurt Lewin (1946), a investigação-ação é uma abordagem que promove a mudança social através da investigação empírica levada a cabo, onde os participantes colaboram activamente nas diferentes fases que compõem a planificação, ação e avaliação da intervenção (Berg, 2001).

Num sentido geral, a investigação-ação tem dois objetivos subjacentes à sua aplicação, nomeadamente a produção de conhecimento que será benéfico para o grupo em análise e a capacidade de motivar o grupo a utilizar esse conhecimento em seu benefício dando assim origem à mudança social (Fals-Borda e Rahman, 1991). Com o seu princípio de gerar conhecimento, dirigido para a prática, a investigação-ação envolve uma espiral de ciclos reflexivos que dirigem o trabalho de campo do investigador em planeamento, ação/ observação e reflexão. A fluidez deste modelo de ação advém da contínua recolha de informações e aprendizagem pela experiência que podem levar à necessidade de reformulação dos diferentes ciclos (Kemmis e McTaggart, 2000).

A Fotografia

No contexto da educação, a fotografia tem sido utilizada com relativa frequência e sucesso particularmente entre crianças e jovens. A pesquisa científica com recurso à fotografia tem demonstrado resultados por exemplo ao nível da promoção de auto-reflexão e auto-estima (Clark, Hosticka e Bedell, 2000). Um dos trabalhos marcantes nesta área foi desenvolvido por Ewald (1996; 2000) que apostou na construção de uma metodologia inovadora com suporte fotográfico permitindo às crianças que participavam nos seus trabalhos desenhar ou escrever diretamente sobre

as fotos tiradas, em função das reflexões que elaboravam.

Uma das particularidades deste tipo de abordagem metodológica é a oportunidade de criar um diálogo com os participantes que, ao serem simultaneamente os sujeitos das fotografias, podem refletir com maior facilidade e profundidade sobre o seu *self* e consequentes temas em análise (e.g. Hyde, 2005). Os participantes têm, ainda, a possibilidade de gerirem o diálogo, uma vez que são eles que dirigem os comentários sobre as fotografias, originando uma relação de poder equitativa com o investigador/ entrevistador, facilitando a troca de informações (Serriere, 2010).

A escolha desta ferramenta metodológica deve-se ao seu potencial para, em simultâneo, permitir aos participantes uma reflexão sobre a evolução tecnológica, na medida em que a revolução digital permitiu alterações substanciais na fotografia tradicional e a eclosão de diferentes tipos de instrumentos com potencialidade para captar imagens (Trachtenberg, 2008); mas também porque as fotografias estão associadas ao ato de relembrar, celebrar e preservar memórias podendo facilitar a reconstrução de histórias de vida ao fornecerem pistas visuais sobre a identidade do idoso com efeito benéfico no seu bem estar (Kohut, 2011).

O Contexto de Lar de Terceira Idade

Neste estudo o contexto ao qual nos dirigimos é um lar de terceira idade com valência de centro de dia localizado em Vendas Novas, Alentejo. No total este espaço é acedido por 77 utentes, dos quais 61 são residentes e 16 frequentam o centro de dia. Em termos de idades, estas oscilam entre os 50 e os 100 anos ao nível dos residentes e os 64 e os 87 anos entre os utentes de centro de dia. Em ambos os casos, os utentes são na sua maioria do sexo feminino (N = 49) em comparação com o sexo masculino (N = 27).

Viver numa instituição tende a caracterizar-se pela rotinização e homogeneidade: a rotina das práticas diárias dirigidas a todos os que partilham o espaço da instituição (Goffman, 1961). Aqui, neste contexto, a pessoa idosa vai perdendo as evidências da sua identidade que se esbatem na cultura da instituição, ainda que sem esquecer o seu passado procure ajustar-se de forma a conseguir dar sentido à sua nova vida fazendo-o através das oportunidades oferecidas pela memória (Gubrium, 1993).

A apropriação do ato de relembrar e contar estórias entre os idosos é muito mais que um traço de retornar ao passado, tal qual afirma Bosi (1987): “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.” (p. 17). Neste sentido, espera-se que esta intervenção possa, pela aprendizagem informal, esbater algumas das barreiras físicas do seu isolamento social face à comunidade ao privarem com um programa de inclusão digital ao mesmo tempo que pelo recurso às fotografias desenvolvem a função social do lembrar com o intuito de fortalecer a sua dimensão identitária.

Procedimento

A colaboração dos idosos no decorrer desta intervenção foi uma mais-valia, indo de encontro ao princípio de participação da abordagem de investigação-ação. Os seus testemunhos foram sempre determinantes para orientar o curso da intervenção, servindo em conjunto com os testemunhos de familiares e funcionários, enquanto elementos de avaliação do programa de inclusão digital. A recolha de dados consistiu em notas de campo, registos audio, observação e fotografia digital. A utilização de diferentes métodos ocorreu com o intuito de facilitar o cruzamento de informações no seu processo de análise.

Fase 1: Planear o Programa de Inclusão Digital

O planeamento do programa de inclusão digital teve início com uma revisão de literatura sobre o tema da infoexclusão e o envelhecimento ativo que preparou, teoricamente, o desenho geral de objetivos de intervenção nesta área. Após contacto com a instituição e apresentação do projeto começou a preparar-se o início do contacto com os idosos, que ocorreu em Novembro de 2012. Nesta fase inicial de planeamento, desenvolveram-se várias conversas com os idosos que permitiram saber um pouco dos seus conhecimentos e expectativas sobre as novas tecnologias, explorando-se formas que permitissem fomentar a sua aprendizagem que facilitaram a estruturação do programa de intervenção.

Fase 2: Agir e Observar

Entre Dezembro de 2012 e meados de Maio de 2013 foram desenvolvidas diversas ações com recurso à fotografia digital, sempre que possível incluídas nas atividades diárias dos idosos, com utilização do computador portátil, de uma câmara digital e de uma moldura de fotografia digital. Em todas as atividades foi pedida autorização aos idosos para que fossem tiradas fotografias, assegurando-se que a qualquer momento poderiam não colaborar, se essa fosse a sua vontade.

As fotografias eram sempre tiradas em função do gosto pessoal do idoso. Por exemplo, os idosos viam a reprodução da fotografia no ecrã da máquina digital, e se porventura não gostassem de algum detalhe desta, a mesma seria repetida. O mesmo princípio foi utilizado aquando do recurso ao computador portátil e da aplicação *Fun Photo Booth*. Neste caso, a composição da imagem era feita pelo idoso que escolhia cada elemento a colocar na sua face até que a visão final da sua caracterização lhe fosse apelativa. Para além de se procurar garantir o máximo de colaboração do idoso, o objetivo era também minimizar a autoridade do investigador.

Os objetivos sobre o que fotografar advinham de tópicos mencionados pelos idosos, muitos recolhidos na fase de diagnóstico da intervenção e que remetiam para

episódios das suas vidas (e.g. aniversários). À medida que se tiravam as fotografias, procurava-se que os idosos fossem conversando sobre os materiais que estavam a ver e as diferenças que estes apresentavam face aos materiais de captura de imagem e outras tecnologias existentes no seu tempo. Depois, já em frente à imagem, quer fosse na tela do computador, da máquina digital ou em formato tradicional, procurava-se que os idosos conversassem um pouco sobre o que viam, dando origem, na maioria das vezes, a lembranças sobre as suas vida.

Com o final de cada atividade, era feito o upload das fotografias no computador, encerrando-se também o período de observação e registo de notas de campo. De referir que na primeira atividade, que implicou o recurso à aplicação *Fun Photo Booth*, as fotografias foram imprimidas e entregues aos idosos como recordação, com a particularidade de ter sido, na grande maioria dos casos, a primeira vez que interagiram com um computador. Com o evoluir das atividades foi oferecida à instituição uma moldura digital que permite integrar todas as fotografias tiradas.

Observações e registo de notas de campo foram feitas no decorrer das atividades.

Fase 3: Reflexão e Avaliação

Ao longo do programa de intervenção, foi possível recolher testemunhos de familiares que visitavam alguns dos idosos, por vezes em dias que coincidiam com as atividades a desenvolver; assim como os testemunhos de profissionais que trabalham na instituição que, em ambos os casos, contribuiram para a reflexão e avaliação face ao contributo do programa para além do feedback vindo dos idosos. O processo de reflexão foi contínuo, permitindo ajustar o programa aos eventos que surgiram no decorrer do seu processo, nomeadamente o falecimento de duas das suas participantes, por forma a respeitar os modos de ser e viver de todos os que se encontram no lar.

Resultados

Nesta parte iremos apresentar os resultados obtidos pelas conversas desenvolvidas pelos idosos aquando das atividades com as fotografias. Os dados serão apresentados agrupados em três grupos de temáticas, em função dos objetivos da intervenção, incluindo excertos transcrições que ilustram os pontos de vista dos idosos.

Perceção da Evolução Tecnológica

A forma como os idosos descrevem as mudanças a nível tecnológico pelo recurso às fotografias estão enquadradas neste tema. As fotografias foram tiradas com recurso a um computador portátil e a uma câmara digital. Para muitos, este foi o primeiro contacto que tiveram com um computador ainda que já tivessem ouvido falar

desta tecnologia, por vezes através dos netos. As reações foram de surpresa face às potencialidades do computador: “*Já viram como é que as imagens vão mudando só por se ir mexendo os dedos?*” (D. Elisa, NC10/22/11/2012). Neste tempo em que diziam “*Já inventam tudo*” (D. Mariana, NC11/23/11/2012) a curiosidade acabou por dominar o discurso e ação dos idosos: “*Tem de mostrar isto ali àquela senhora*” (D. Maria Gertrudes, NC10/22/11/2012); “*Eu vejo mal com estes óculos. Deixe-me ir trocar de óculos para me mostrar isso.*” (D. Lorete, NC14/25/11/2012); “*Eu ainda não participei. Tem de vir aqui ao pé de mim.*” (D. Francisca, NC10/22/11/2012).

A aplicação *Fun Photo Booth* demonstrou ser útil na construção da interação inicial dos idosos com o computador portátil. Os idosos não apresentaram qualquer receio em participar na atividade que durante o tempo em que foi desenvolvida fez soltar gargalhadas fáceis entre os idosos pelas imagens que iam construindo, à sua escolha conjugando os diferentes adereços. Ao interagirem com o computador através desta aplicação comentavam sobre o que diriam os seus familiares, em particular os netos se os vissem reconhecendo que as novas tecnologias fazem parte das rotinas diárias dos jovens (Figura 1): “*Os meus netos se vissem isto iriam dizer que estou muito moderna... fartavam-se de rir.*” (D. Elisa, NC10/22/11/2012).

Este primeiro contacto com o computador fez com que também tivessem vontade de conhecer novas potencialidades desta tecnologia. Alguns idosos utilizaram outras aplicações, caso de um jogo de pintura, sendo novamente dominados pela surpresa: “*Veja lá que aqui não é preciso papel para fazer estes trabalhos e fica igual aos outros normais.*” (D. Lucilia, NC25/10/12/2012) Um dos desenhos pintados por uma idosa contribuiu para avivar a sua memória de um texto que lhe foi ensinado no ensino primário sobre o “Canto do Rouxinol”.

Durante o decorrer das atividades, uma das formas que os idosos encontraram para demonstrar a evolução da tecnologia foi recorrendo a objetos pessoais. Por exemplo, mostrando fotografias antigas para comparar o tipo de papel e imagem e as novas impressões que se fazem: “*Está a ver este álbum do casamento do meu filho é de outra técnica. As fotografias estão gravadas nas páginas do álbum. É uma coisa muito mais moderna.*” (Sr. Raimundo, NC25/10/12/2012)



Figura 1. Exemplo de fotografia de um idoso com recurso à aplicação Fun Photo Booth

Os idosos apresentaram ainda uma máquina de fotografia antiga e respetivos rolos para compararem com a máquina digital. A captura de imagem com a máquina digital despertou interesse pela presença de visor: *“As fotografias que se tiram podem ser vistas aqui? Isso antes não havia nada. Tirávamos e pronto. Ou se ficava bem ou não se ficava. (Sr. Vagarinho, NC26/11/12/2012)”* Outra curiosidade partiu da forma como as fotografias são, hoje em dia, armazenadas: *“Então isto (apontando para o cartão de memória) é como se fosse um rolo dos antigos? As coisas que se fazem. (Sr. António, NC26/11/12/2012)”* Com a máquina fotográfica tradicional aproveitaram para explicar como se fotografava no seu tempo: *“Abria-se esta tampa para se meter o rolo e espreitava-se por aqui e carregava-se. Depois levava-se o rolo ao fotógrafo quando estava cheio e esperava-se. Era bom abrir o pacotinho do fotógrafo e ver o que lá estava dentro. Sr. Vilelas (NC26/11/12/2012)”*

A Expressão da Socialização

Desde o início das atividades que os idosos para além de participarem começaram a conviver não só com os idosos que estavam na sua sala, como também com os idosos das outras salas, começando a existir vontade em registar fotograficamente momentos das suas interações que consideravam divertidos (Figura 2).



Figura 2. Momento de socialização entre os idosos

Para além disso, a apresentação das fotografias foi sempre um veículo para fomentar o diálogo entre os idosos: “*Já viu como é que fiquei na fotografia? Olhe lá para isto!*” (D. Gertrudes, NC32/05/01/2013), “*Mostre-me lá como é que ficou que ainda não vi.* D. Rosária, NC32/05/01/2013” Esta partilha social foi incentivada pelo recurso à moldura digital, entregue à instituição: “*Isto é como ver televisão só que tem as nossas fotografias. Meteu o “rolo” moderno aí dentro, não foi?* Sr. Grilo, NC32/05/01/2013” Na verdade, o momento em que a moldura digital liga pela primeira vez fez com que os idosos se reunissem ao seu redor, vindos das diferentes salas para que pudessem ver “*aquela televisão pequena a passar fotografias.* D. Claudemira, NC32/05/01/2013” Mais do que uma forma de ver a sua fotografia no ecrã, era um modo de identificar os outros idosos com quem nem sempre interagem exercitando a sua memória: “*Esta é a Matilde. Este é o Quintas. Olha este é o Vagarinho.* D. Custódia, NC32/05/01/2013.”

O Papel da Memória na Dimensão Identitária

Em cada oportunidade que têm os idosos recordam o seu passado. Ao olharem para as fotografias feitas através da aplicação *Fun Photo Booth*, várias vezes são recordadas cenas vividas em momentos passados: “*Parece que me estou a mascarar outra vez. E se eu me gostava de mascarar. Às vezes era só com um lençol, fazia-se uns buracos.* (D. Matilde, NC10/22/11/2012)”

As fotografias foram, também, o fio condutor para as lembranças associadas ao seu envelhecimento: “*Ai que cara tão velha! Quem é esta velha? Nem pareço eu. Esta*

cara tão enrugada. D. Matilde, NC10/22/01/2012”, “*Já viu a cara de uma velha? A cara que tinha antes e agora tenho esta cara linda. D. Gracinda, NC37/15/01/2013*”, “*Isto é uma cara de trabalho... de acordar cedo... de trabalhar muito... do sol a queimar no campo. D. Virgínia, NC37/15/01/2013*.” Enquanto olham para as suas fotografias descobrem em si traços de outros familiares: “*Este sinal que tenho na testa vê-se mesmo bem. A minha mãe também tinha este sinal. Isto já é uma coisa de família. D. Antónia, NC32/05/01/2013*”; ao mesmo tempo que procuram melhorar a sua imagem a cada fotografia que é tirada: “*Não quero tirar a fotografia com a caxeira. A caxeira fica de lado. D. Mariana, NC26/11/12/2012*”, “*Deixe-me ver aí como é que fiquei. Se não estiver bonita tiramos outra vez. D. Gertrudes, NC26/11/12/2012*.”

Finalmente, procuram através das fotografias mostrar os seus trabalhos (Figura 3): “*Tire-me lá aqui uma fotografia a isto? Fui eu que fiz. Já tinha visto uma coisa destas? D. Maria Gertrudes, NC25/10/12/2012*” e registar os seus aniversários: “*Quando fizer anos tem de se te tirar umas fotografias. Sr. Aníbal, NC40/01/02/2013*”



Figura 3. Trabalhos realizados pelos idosos

Discussão

As atividades com recurso à fotografia mostraram ser um veículo promotor de diálogo, sem constranger o discurso dos idosos ainda que estivessem a contactar com novas tecnologias. Esta facilidade comunicativa ao sobrepor-se à tecnofobia documentada na literatura permitiu-lhes reconhecer valor neste contacto tecnológico e no processo de aprendizagem: “*Aprender até morrer... até a gente sermos vivos... isso é verdade... eu sou uma pessoa que comprehende as coisas, que comprehende isto*

tudo... não aprendendo nada é que é mau... e ir aprender... e aprendendo sempre... D. Matilde, NC25/10/12/2012”, “Então e hoje o que é vamos fazer... quais são os trabalhos... não vamos fazer nada...? D. Lorete, NC40/01/02/2013”, “Hoje devemos ir trabalhar com o computador que ela traz a mala... D. Margarida, NC26/11/12/2012”

Ao longo das semanas passou a existir por parte dos idosos um reconhecimento de uma rotina de “trabalho” associada à fotografia tendo como suporte o computador portátil e a câmara digital que demonstrou ter um impacto positivo a nível relacional entre os idosos, facilitando a sua socialização, e a nível identitário promovendo a recuperação de lembranças pessoais que conferem dimensionalidade às suas vidas num contexto homogéneo como o lar. Para além disso, os idosos demonstraram de diferentes modos a forma como desenvolviam as suas aprendizagens quer fosse pelo ato de ir buscar materiais que lhes permitissem documentar objetivamente as mudanças que estavam a perceber; quer fosse pela adaptação da linguagem ao utilizaram a palavra *rolo* para descreverem o cartão de memória que permite armazenar as fotografias.

Adicionalmente, a metodologia fotográfica enquanto estratégia de inclusão digital contribuiu para a reflexão dos idosos, fortalecendo a sua memória e a função social do lembrar. Não só pelos exercícios que realizavam ao enumerarem o nome dos residentes cuja face viam passar no ecran da moldura digital, mas particularmente pela forma como recuperavam estórias e detalhes das suas vidas decorrentes do que viam nas fotografias ou em função da modernidade que hoje se sente e que nos seus dias escasseava: “*Antigamente era pior... com as pessoas antigas com menos coisas. D. Maria Afonso, NC26/11/12/2012*”, “*Eu gosto mais desta vida agora... das pessoas aprenderem tudo. Sr. Grilo, NC40/01/02/2013*”

As alterações ao nível do ambiente físico e psicológico da instituição foram registadas por familiares dos idosos e funcionários referindo a boa disposição decorrente do recurso à fotografia, a criação de oportunidades de comunicação e uma maior tranquilidade entre os idosos: “*Isto é muito bom para a minha tia se sentir bem. Familiares D. Lucília, NC26/11/12/2012*”, “*Os idosos falam mais agora. Quando estão envolvidos nisto ficam mais calmos, faz-lhes bem. Funcionária, NC40/01/02/2013.*”

Conclusão

Ter idade implica aprender, lembrar e ser, independentemente do pólo para onde a idade nos leva – da juventude à velhice. Através de um programa de inclusão digital com recurso à fotografia desenvolvido entre idosos residentes num lar de terceira idade foi possível verificar que a idade não foi um elemento que constrangeu a sua aprendizagem, potenciando recordações que sustentaram a sua identidade e individualidade. Contudo, deve-se mencionar que a dinâmica vivencial de um lar, leva à ocorrência de vários imprevistos com os quais se tem de lidar diariamente aquando do planeamento da intervenção, que não se pode supor linear. Estes resultados permitem ir de encontro aos princípios teóricos que suportam a necessidade de apostar no envelhecimento ativo e nos seus benefícios ao nível do bem estar recorrendo a uma metodologia que ajuda os idosos a refletir sobre a trajetória das

suas vidas no passado até à sua identidade presente. Nesta reflexão que elaboram partilham saberes, acumulam aprendizagens, exercitam a memória relembrando que “é assim a vida... a vida muda... uma vida tem várias... D. Gracinda, NC40/01/02/2013.”

Referências

- AGE CONCERN (2010). *Introducing another world: older people and digital*. Retirado de <http://www.ageuk.org.uk/Documents/EN-GB/For-professionals/Computers-and-technology/Older%20people%20and%20digital%20inclusion.pdf?dtrk=true>
- ALVES, Mariana (2010). Aprendizagem ao longo da vida entre a novidade e a reprodução de velhas desigualdades. *Revista Portuguesa de Educação*, 23(1), 7-28.
- ARGIMON, Irani, e STEIN, Lilian (2005). Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: Um estudo longitudinal. *Caderno de Saúde Pública*, 21(1), 64-72.
- ASENSIO, Mikel e POL, Ellen. (2002). *Nuevos escenarios en educación. Aprendizaje informal sobre el patrimonio, los museos y la ciudad*. Buenos Aires: AIQUE Grupo Editor.
- BALTES, Paul, e BALTES, Margret (1990). Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In Paul Baltes, & Margret Baltes (Orgs.), *Successful aging* (pp. 1-34). New York: Cambridge University Press. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511665684>
- BANHATO, Eliane, ATALAIA-SILVA, Kelly, MAGALHÃES, Neide, MOTA, Márcia, GUEDES, Danielle e SCORALICK, Natália (2007). Inclusão digital: ferramenta de promoção para envelhecimento cognitivo, social e emocional saudável. *Psicología Hospitalar*, 5(2), 2-20.
- BARAK, Azy (2004). Internet counseling. In Charles Spielberger (Ed.), *Encyclopedia of applied psychology* (pp. 369–378). San Diego, CA: Academic Press.
- BAUMEISTER, Roy (1999). The nature and structure of the self: an overview. In Roy BAUMEISTER (Ed), *The self in Social Psychology* (pp.1-20). Philadelphia, PA: Taylor Press.
- BERG, Bruce. (2001). *Qualitative Research Methods for the Social Sciences*. Boston: Allyn and Bacon.
- BIESTA, Gert (2006). What's the point of lifelong learning if lifelong learning has no point? On the Democratic Deficit of Policies for lifelong learning. *European Educational Research Journal*, 5(3-4), 169-180.
- BOSI, E. (1987). *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- CHAFFIN, Amy e HARLOW, Steven (2005). Cognitive learning applied to older adult learners and technology. *Educational Gerontology*, 31(4), 301-329. <http://dx.doi.org/10.1080/03601270590916803>
- CLARK, Kenneth, HOSTICKA, Alice e BEDELL, Jacqueline(2000). Digital cameras in the K-12 classroom. *Society for Information Technology & Teacher Education International Conference: Proceedings of SITE 2000* (vol. 1-3). San Diego, CA. <http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED444523.pdf>
- CLINE, Rebecca e HayneS, K. (2001). Consumer health information seeking on the Internet: The state of art. *Health Education Research*, 16, 671–692.

<http://dx.doi.org/10.1093/her/16.6.671>

DAHMEN, Nicole e COZMA, Raluca. (2009). *Media takes: on aging*. California: International Longevity Center.

http://www.mailman.columbia.edu/sites/default/files/Media_Takes_On_Aging.pdf

DAY, Nancy.(1998). Informal learning gets results. *Workforce*, 77(6), 31-32.

DUAY, Deborah, e BRYAN, Valerie (2008). Learning in later life: What seniors want in a learning experience. *Educational Gerontology*, 34, 1070-1086.

EUROPE'S INFORMATION SOCIETY THEMATIC PORTAL. (2007). *Digital Literacy: Skills for the Information Society*. Retirado de

http://ec.europa.eu/information_society/newsroom/cf/test-colonne-droite.html.

EWALD, Wendy (1996). Black self/white self. *Double Take Magazine*, Summer, 54-66.

_____ (2000). *Secret games: Collaborative works with children: 1969-1999*. Zurich, Switzerland: Scalo.

FALS-BORDA, Orlando e RAHMAN, Mohammad (1991). *Action and knowledge: breaking the monopoly with participatory action research*. New York: Intermediate Technology.

FERREIRA-ALVES, José e NOVO, Rosa (2006). Avaliação da discriminação social das pessoas idosas em Portugal. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6(1), 65-77.

FONSECA, António (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa, Portugal: Climepsi.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO (2006). *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na 3ª Idade*. Retirado de www.fpa.org.br/area/pesquisaidosos.

GOFFMAN, Erving (1961). *Asylums: essays on the social situation of mental patients and other inmates*. Garden City, New York: Anchor Books.

GUBRIUM, Jaber (1993). *Speaking of life: horizons of meaning for nursing home residents*. New York: Aldine de Gruyter.

HYDE, Katherine (2005). Portraits and collaborations; a reflection on the work of Wendy Ewald. *Visual Studies*, 20, 172-190.

<http://dx.doi.org/10.1080/14725860500244043>

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2012). Sociedade da Informação e do Conhecimento – Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias 2012. Retirado de

<http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1143160>

Instituto Nacional de Estatística. (2012). Censos 2011. Retirado de http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2

_____ (2010). *Estatísticas demográficas 2009*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=115232961&PUBLICACOESmodo=2

KEMMIS, Stephen, e MCTAGGART, Robin (1988.) *The Action research planner*. Geelong: Deakin University Press.

_____ (2000). *Participatory Action Research: Communicative Action in the Public Sphere*. In Norman Denzin and Yvonna Lincoln

- (Eds.) *Handbook of Qualitative Research*, (pp.559-603). Thousand Oaks, Calif: Sage Publications.
- KENSKI, Vani. (2003). Aprendizagem mediada pela tecnologia. *Revista Diálogo Educacional*, 4(10), 47-56.
- KOHUT, Mary. (2011) Making art from memories: honoring deceased loved ones through a scrapbooking bereavement group. *Art Therapy*, 28(3), 123-131. <http://dx.doi.org/10.1080/07421656.2011.599731>
- LAWHON, Tommie, ENNIS, Demetria, E LAWHON, David (1996). Senior adults and computers in the 1990s. *Educational Gerontology*, 22(2), 193-201. <http://dx.doi.org/10.1080/0360127960220205>
- LEWIN, Kurt (1946). Action research and minority problems. *Journal of Social Issues*, 2, 34-46. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1540-4560.1946.tb02295.x>
- LIMA, Mariúza (2001). Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: Vitória Kachar (Org.), *Longevidade: um novo desafio para a educação* (p. 15-26). São Paulo: Cortez.
- LIMA, Licínio (2003). Formação e aprendizagem ao longo da vida: entre a mão direita e a mão esquerda de Miró. In AA. VV, *Cruzamento de Saberes e Aprendizagens Sustentáveis*. (p.129-148). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LÓPEZ, Carlos (2009). Aprendizaje formal e informal com medios. *Revista de Medios y Educación*, 35, 21-32.
- MEJÍA, Rebeca (2005). Tendencias actuales en la investigacion del aprendizaje informal. *Revista Electronica Sinéctica*, 25, 4-11.
- MELBER, Leah e ABRAHAM, Linda (1999). Editorial: Beyond the classroom: linking with informal education, *Science Activities*, 36, 3-4. <http://dx.doi.org/10.1080/00368129909601027>
- MERRIAM, Sharan (2001). *The new update on adult learning theory*. San Francisco: Jossey-Bass.
- NERI, Anita, YASSUDA, Mônica e CACHIONI, Meire (2004). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. São Paulo: Papirus.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (2002). *Active Ageing: a policy framework*. Genebra: Organização Mundial de Saúde. Retirado de http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/who_nmh_nph_02.8.pdf
- PALMORE, Erdman (2001). The Ageism Survey: First Findings. *The Gerontologist*, 41, 572-575. <http://dx.doi.org/10.1093/geront/41.5.572>
- POLLACK, Martha (2005). Intelligent Technology for an ageing population: The user of AI to assist elders with cognitive impairment. *Artificial Intelligence Magazine*, 26, 9-24.
- RUPPE, Georg (2011). Active ageing and prevention in the context of long-term care – rethinking concepts and practices. *Policy Brief*, 1, 1-16. http://www.euro.centre.org/data/1310723769_53386.pdf
- SHACTER, Daniel (2003). *Os sete pecados da memória: Como a mente esquece e lembra*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- SENA, Cristina, MORAL, Juan e PARDO, Esperanza (2008). Bienestar y calidad de vida en ancianos institucionalizados y no institucionalizados. *Anales de Psicología*, 24(2), 312-319.
- SERRIERE, Stephanie (2010). Carpettime democracy: Digital photography and social consciousness in the early childhood classroom. *The Social Studies*, 102, 60-68.

“Estas memórias que os retratos nos dão” – análise de um programa de inclusão digital aplicado em contexto de lar de terceira idade

<http://dx.doi.org/10.1080/00377990903285481>

SHABAHANGI, Nader, FAUSTMAN, Geoffrey, THAI, Julie e FOX, Patrick (2009). Some observations on the social consequences of forgetfulness and Alzheimer's disease: a call for attitudinal expansion. *Journal of Aging, Humanities and the Arts*, 3, 38-52.
<http://dx.doi.org/10.1080/19325610802652044>

SHAPIRA, N., BARAK, A. e GAL, I. (2007). Promoting older adults' well-being through Internet training and use. *Aging and Mental Health*, 11(5), 477-484.
<http://dx.doi.org/10.1080/13607860601086546>

STUART-HAMILTON, I. (2000). *The Psychology of Ageing – An Introduction*. London: Jessica Kingsley Publishers.

TRACHTENBERG, Alan. (2008). Through a glass, darkly: photography and cultural memory. *Social Research*, 75(1), 111-132.

UNIÃO EUROPEIA (2006). *Riga Ministerial Declaration – ICT for an inclusive society*. Brussels: European Commission. Retirado de http://ec.europa.eu/information_society/events/ict_riga_2006/doc/declaration_riga.pdf

_____ (2012). Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações. Retirado de <http://europa.eu/ey2012/ey2012main.jsp?catId=971&langId=pt>